

# GRAMATICALIZAÇÃO E DESGRAMATICALIZAÇÃO NO PERCURSO DO PRONOME SE

Evelyne DOGLIANI

Universidade Federal de Minas Gerais  
evedogliani@yahoo.com.br

## **Resumo**

Este artigo dedica-se à demonstração de que, no uso variável de certas construções pronominalizadas do português brasileiro, é possível identificar tanto o processo de gramaticalização quanto o de desgramaticalização. Busca-se demonstrar que, no que concerne ao pronome *se*, seja ele reflexivo, ergativo ou expletivo/inerente, há casos de apagamento – o que ilustra, de fato, gramaticalização no estágio zero (VITRAL, 2006) e casos de emergência do pronome - e não de preservação -, o que ilustra um estágio inicial de desgramaticalização. A identificação acurada do processo em curso requer, além da perspectiva diacrônica, um modelo que compreenda os processos de emergência, de apagamento e de manutenção de construções, como resultado de faceamento de estruturas previamente existentes no sistema linguístico sob análise. O modelo da Gramática das Construções (GOLDBERG, 2003; GONÇALVES *et al.*, 2007; SALOMÃO, 2009) é útil a essa proposta.

## **Palavras-chave**

pronome *se*; gramaticalização;  
desgramaticalização; gramática de construções

## Introdução

Numerosos estudos no âmbito da variação e da mudança linguística identificam o fenômeno de gramaticalização, em que um item da língua exhibe um percurso da esquerda para a direita, isto é, do menos gramatical para o mais gramatical. Com menos frequência se ilustra o percurso inverso, de desgramaticalização, por diferentes razões, que serão tentativamente expostas a seguir. Além de se considerarem problemas como os que se apontam em Gonçalves *et al.* (2007), concernentes aos processos de fonologização e ressemantização, defendendo-se a possibilidade de sua ocorrência, propõe-se, neste artigo, que o processo de desgramaticalização passa despercebido, às vezes, porque é confundido, em certas análises, com uma das etapas do processo de gramaticalização. O percurso do pronome *se* é útil a essa reflexão, que encontra fundamentação em pesquisa quantitativa realizada pela autora deste artigo (MADUREIRA, 2000, 2002). Restrita a verbos psicológicos, essa análise sincrônica e diacrônica teve sua continuidade em pesquisa ulterior, orientada por informações de dicionários e gramáticas de diferentes períodos (DOGLIANI, 2008, 2010).

### O pronome *se*: apagamento, manutenção e emergência

O cotejamento de informações sincrônicas e diacrônicas, com base em Bluteau (1712-1728) e Silva (1813), permite postular a ausência do pronome *se* como estágio zero do processo de gramaticalização e presença do pronome como estágio inicial do processo de desgramaticalização, em algumas classes de verbos.

Diversos trabalhos ilustram a variação do pronome *se*, processo em que a construção pronominalizada, *standard*, compete com a construção não pronominalizada (D'ALBUQUERQUE, 1984; NUNES, 1990; ROCHA, 1999; LIMA, 2006; CARVALHO, 2008; CUNHA, 2010), entre outros. De acordo com esses trabalhos, o pronome *se*<sup>1</sup> exhibe variação - a presença do pronome vem diminuindo, sofrendo apagamento - seja nas construções em que se classifica como reflexivo (*ele se machucou; ele Ø machucou*), seja naquelas em que marca a alternância ergativo-causativa<sup>2</sup> (*ele se preocupou com o pai; ele Ø preocupou com o pai*) ou quando o pronome é chamado inerente, como parte do verbo (*ele arrependeu-se; ele arrependeu Ø*), entre outras<sup>3</sup>.

A observação do percurso diacrônico de alguns verbos revela que nem todos os casos em que a análise sincrônica pode apontar apagamento ilustram de fato esse processo. Alguns verbos que registram a alternância ergativo-cau-

<sup>1</sup> Representam-se, através da forma da 3ª pessoa, todas as pessoas do verbo.

<sup>2</sup> A respeito de alternância ergativo-causativa, ver Whitaker-Franchi (1989); Cançado (1996); Madureira (2002).

<sup>3</sup> Não se consideram por ora outras categorias que se apresentam para o pronome (cf GÓIS, 1948; NUNES, 1990; LIMA, 2006; VITRAL, 2006), pois essas parecem suficientes ao tratamento da questão em pauta.

sativa no português brasileiro contemporâneo (PB) são úteis a essa ponderação. São eles: *aborrecer*, *condoer*, *desanimar*, *enlouquecer*, *preocupar*.

A norma padrão do PB contemporâneo, retratada no dicionário (FERREIRA, 1988), por exemplo, recusa a variante não pronominalizada para *preocupar*, mas a aceita para *desanimar*, e proíbe-a, já que não a menciona, para *enlouquecer*. Esses padrões variáveis não ilustram diferentes estágios no processo de apagamento do pronome. Conforme se demonstrou em Madureira (2002), tais padrões refletem diferentes classes de verbos, algumas das quais jamais tiveram a construção pronominal. O processo de causativização parece ser o responsável pela mesclagem de gramaticalização/desgramaticalização.

### **O processo de causativização e a emergência do pronome**

Dentre as classes de verbos mencionadas, observa-se que uma delas é a dos verbos originalmente intransitivos, como *enlouquecer* – *João enlouquece*. Esse verbo, conforme mostram os dicionários consultados, não tem forma pronominal. Em sua evolução, causativizou-se, o que parece ter ocorrido na segunda metade do século XVIII, já que Bluteau (1712-1728) ainda não lhe atribui leitura causativa no início desse século: registra apenas *perder o juízo*; *endoidecer*. Já no final do século, Silva (1813) registra *fazer louco*; *fazer-se ou ficar louco*. O verbo passou, portanto, de intransitivo a transitivo, atribuindo a seu argumento interno o papel afetado. O desenvolvimento de um enunciado como *Maria enlouquece João* não instalou ambiguidade, ao contrário de verbos transitivos como *aborrecer*.

O verbo *aborrecer* era originalmente transitivo, com atribuição de papel afetado ao argumento externo, exclusivamente, construção que se preserva, ao que parece, até o século XVIII, conforme se registra em Bluteau (*op. cit.*): *ter aversão*. Num enunciado como *João aborrece Maria*, a única leitura possível, desde o período arcaico, era *João tem horror a/enfastia-se com Maria*. Quando esse verbo se causativizou, conforme em *João aborrece Maria*, deu ensejo a um período de ambiguidade em seus usos: podia-se atribuir o papel afetado tanto a *João* como a *Maria*. Essa ambiguidade, que ainda se identifica no séc. XIX, é certamente a causa de recomendações, como a que se vê em Silva (*op. cit.*), acerca do uso preferencial desse verbo com o papel afetado no sujeito da frase: “Dizemos equivocadamente *este homem aborrece-me* por *tem-me aborrecimento* ou *causa-mo*; melhor será dizer: *aborreço este homem, tenho-lhe aborrecimento*”. Evidentemente, expressa-se aí restrição ao uso de uma construção inovadora – a causativa – talvez pela ambiguidade que gera. O desenvolvimento de uma estrutura pronominal, como *Maria se aborrece com João*, resolveu a ambiguidade.

O quadro que se delineia a partir da comparação desses dois verbos é bastante regular. Ao se causativizar, o verbo *enlouquecer* não instala ambiguidade; dessa forma a construção intransitiva preserva-se até o português contemporâneo, sem desenvolver uma construção pronominal paralela. Já o

verbo *aborrecer* desenvolve a construção pronominal paralela para resolver a ambiguidade. A regularidade que se constrói diacronicamente seria, portanto, passível de delinear um sistema linguístico previsível por regras, pelo menos entre os verbos experienciais, não fossem as exceções que emergem.

Como exemplo de exceções, considere-se o verbo *desesperar*: tal como *enlouquecer*, é, no período arcaico, um verbo intransitivo, que se causativiza, em meados do século XVIII. Tal processo não gera ambiguidade, o que, pelo paradigma do verbo *enlouquecer*, por oposição a *aborrecer* anteriormente proposto, não requer construção pronominal desambiguadora. Isso não impede, todavia, que o verbo *desesperar* desenvolva posteriormente uma estrutura pronominal: no início do século XVIII, Bluteau (*op. cit.*) só registra seu sentido de *perder a esperança*. No final do século, Silva (*op. cit.*) já aponta o uso causativo – *causar desesperação* – e associa a forma pronominal ao sentido primitivo do verbo – *perder as esperanças*. Assim, rompidos os paradigmas que se estabeleceriam com base nos verbos *aborrecer* e *enlouquecer*, instala-se gradualmente um outro, qual seja, entre os verbos que ilustram a alternância ergativo-causativa, passa-se a marcar com o pronome aquelas construções em que o papel afetado se realiza no argumento externo, mas não para todos os verbos. O quadro de uso atual confirma essa tendência: consagrando uso que se fixou na língua, os dicionários contemporâneos registram a forma pronominal para alguns como *desesperar* (ou *desanimar*, que descreve o mesmo percurso de *desesperar*), mas não para outros como *enlouquecer*, conforme se viu. No caso de *enlouquecer* prevalece o paradigma anterior.<sup>4</sup>

Constata-se, assim, que o processo de causativização motivou a emergência do pronome (pseudorreflexivo ou ergativo), para um grupo de verbos nas construções em que o objeto afetado se realiza no sujeito com função desambiguadora. Esse uso estendeu-se gradualmente para outros grupos de verbos, marcando o envolvimento do sujeito, tanto nos reflexivos, como nos pronominais, ou nos pseudorreflexivos. Mescladas pelo fator semântico *afetação do sujeito*, essas classes de pronomes não refletem grande consenso na literatura relevante. Além de receber classificações divergentes para um mesmo verbo, o pronome é alvo de atribuição de traços adicionais, o que parece resultar da consideração da perspectiva sincrônica ou diacrônica pelos pesquisadores.

### **As classificações do pronome**

O pronome *se* recebe inúmeras outras classificações, que parecem mesclar informações diacrônicas e sincrônicas. Cite-se, a título de exemplo, alguns tópicos da classificação de Góis (1948:64-69), cuja análise encontra eco em outras contemporâneas.

---

<sup>4</sup> No âmbito do modelo da Difusão Lexical, é possível pensar que, em algum momento, esse verbo incorpore o novo paradigma.

Um desses tópicos trata da voz *semirreflexa ou quase-média*, que o autor ilustra através de verbos acidentalmente pronominais, como *rir-se*, em que o *se* pode ser analisado como partícula expletiva (em gramáticas tradicionais atuais), verbos categoricamente pronominais como *arrepender-se*, e verbos como *condoer*, cujo uso pronominal pode, de fato, ser interpretado como semirreflexo, atributo frequente na explicação das estruturas denominadas ergativas, em que o pronome *se* classifica como ergativo ou pseudorreflexivo. Góis (*op cit.*) atribui ao pronome a função sintática de objeto direto de espontaneidade para esses três verbos. O que sua análise parece refletir é a superposição das perspectivas sincrônica e diacrônica e usos variáveis de certos verbos. Vejamos: em relação a um enunciado como *as flores murcham-se*, para o qual, como no caso de *condoer*, se pode postular a existência de uma causa (a ação do tempo/ do sol), o autor não considera a possibilidade de alternância (*o sol murchar/ faz murchar as flores – as flores murcham-se*). Em relação ao verbo *murchar*, ele propõe que o pronome *se* analise como partícula expletiva ou de realce, classificação que também atribui ao pronome na construção *chega-se o prazo*.

Do ponto de vista sincrônico, esses dois verbos exibem distintas valências. O verbo *murchar* ilustra a construção causativa, o que, aliás, parece ser a construção primitiva (BLUTEAU, *op. cit.*), ao contrário do verbo *chegar*. Sob a perspectiva sincrônica, a análise do pronome é, de fato, ambígua: o *se* tanto pode ser índice de ergativização, tendo-se em conta a construção causativa, quanto partícula de realce, tendo-se em conta que os dicionários contemporâneos admitem tanto a forma pronominalizada quanto a não pronominalizada nas construções em que o papel afetado se realiza no sujeito: *as flores murcham-se ~ as flores murcham*. Trata-se apenas, parece, da leitura preferencial que Góis (*op. cit.*) propõe – ainda que não desconheça a construção causativa. Ao apresentar os casos em que verbos intransitivos se tornam transitivos, o autor menciona os *causativos* ou *fatitivos*, que considera um dos mais curiosos

idiotismos do português e uma de suas melhores excelências. Criação dos clássicos quinhentistas, esse fato provocou a princípio forte repulsa dos críticos e dos gramáticos, acabando por estratificar-se como um dos melhores padrões topológicos. Seu uso, porém, ficou sempre circunscrito aos escritores e eruditos: não chegou nunca a ser assimilado pelas correntes populares. Mais exemplos: Calei o relógio (...); o advogado cessou a réplica (...); o cão correu a caça. (GÓIS, 1948, p. 76).

Constata-se, assim, que, apesar de adotar a perspectiva diacrônica, no exemplo apresentado, a classificação do pronome em Góis (*op cit.*) orienta-se pela perspectiva sincrônica, que mescla diferentes classes de verbos e de pronomes.

Divergências encontradas em análises contemporâneas também podem ser explicadas pela indistinção de perspectiva. Ao defender a existência da voz média no português, Camacho (2003) ilustra o uso do pronome com o verbo *vestir*, por exemplo, classificando-o como indicador de voz média. Distingue

assim o marcador reflexivo do médio “na situação contrastiva e/ ou enfática, que requer o uso de *si mesmo*”. De acordo com Camacho (2003), “a *si mesmo*”, no caso de *vestir-se*, é construção marcada, ao contrário de seu uso no caso do verbo *olhar-se*, por exemplo, no qual está implícito. Defende ainda que se analise como voz média o uso pronominal de verbos como *acalmar-se*, mas exclui outros que classifica como de processo, tais como *envelhecer*, tomando por base o argumento de que esse tipo de verbo não registra uso pronominal, exceto em casos de hipercorreção, como em redação de vestibulandos com verbos equivalentes a *envelhecer - eu me amadureço*.

É diferente a análise que se propõe neste artigo para esses variados grupos de verbos observados por Camacho (*op. cit.*). Conforme se apresentou na seção 1.1, a distinção entre esses verbos resulta de necessidade/ não necessidade de uso do pronome, e, em ambos os casos, de diferentes tempos/ espaços de adesão à construção pronominal. Assim os verbos *amadurecer* e *envelhecer*, originalmente intransitivos, seguem o paradigma do verbo *enlouquecer* e, quando se causativizaram, não desenvolveram a construção pronominal; diferentemente de outros, como *desesperar*, que, apesar de originalmente intransitivos, copiaram o paradigma dos verbos originalmente transitivos e desenvolveram a construção pronominal.

Soma-se a esse processo um outro, qual seja, o do apagamento do pronome que, por sua vez, também mescla classes de verbos, o que acaba determinando que se analisem como gramaticalização casos que são de desgramaticalização, como se verá na próxima seção.

### **Distinguindo os processos - gramaticalização e desgramaticalização**

É conveniente que se descreva o processo de desgramaticalização com base no de gramaticalização, acerca de cujos estágios há razoável consenso, na literatura relevante. Considerando o conhecido percurso de gramaticalização proposto por Hopper e Traugott, em 1993, Vitral (2006) questiona a linearidade implícita do ciclo de gramaticalização que pressupõe o seguinte percurso evolutivo: item lexical > item gramatical > clítico >.afixo. Argumenta que, apesar de os estágios preverem uma evolução que pressupõe alteração do conteúdo, em primeiro lugar, seguida de alteração da forma, é possível recuperar esse ciclo tomando por base formas em estado de gramaticalização. Ilustra com ocorrências do pronome *se* em relação ao qual pondera que, quando classificado como pronome reflexivo ou apassivador, caracteriza-se, no plano do conteúdo, por ser argumental, diferentemente do pronome apassivador, que não o é. Acrescenta, ainda, que, considerados esses três pronomes – reflexivo, apassivador e indeterminador –, o primeiro é menos gramatical do que os dois últimos, por dispor de especificações para os traços de pessoa, gênero e número. Classifica como o *estágio zero da gramaticalização* o apagamento do pronome, o que nos interessa sobremaneira neste artigo, já que se sugeriu na seção 1 que nem toda ausência de pronome pode ser interpretada como gramaticalização.

De acordo com o que se disse na introdução deste artigo, são duas as análises acerca da ausência do pronome, conforme se considerem as perspectivas diacrônica e sincrônica, e, sob qualquer um desses prismas, o tipo de verbo. Na perspectiva diacrônica, há casos nos quais a ausência do pronome não deve ser analisada como apagamento. Trata-se de verbos como *enlouquecer*, *envelhecer*, que não registram em seu percurso nenhuma construção pronominal após se submeterem ao processo de causativização. Mas, conforme se viu, o paradigma de *enlouquecer* não prevaleceu para todos os intransitivos que se causativizaram: alguns desenvolveram a construção pronominal como *entristecer*, *desanimar*, *desesperar*. Esses verbos adotaram o paradigma do outro grupo de verbos – dos transitivos que se causativizaram – o que determina que a ausência do pronome seja interpretada como apagamento, em construções como *eu Ø entristeço com essa música*.

A partir do faceamento de construções como *eu enlouqueço com essa música* e *eu me/Ø entristeço com essa música*, o falante passa a atribuir um lugar do pronome para verbos como *enlouquecer*, e esse lugar torna-se preenchível a qualquer momento, tanto para este como para outros verbos. Ou seja, é possível ouvir no português contemporâneo: *eu me enlouqueço com essa música* ou *eu me amadureço*, conforme ilustra Camacho (*op.cit.*). A mera atribuição do lugar do pronome caracteriza-se como estágio inicial de desgramaticalização no seguinte sentido: o falante atribui conteúdo (afetação do sujeito) ao espaço vazio que se semantiza, portanto, o que força a fonologização, isto é, a emergência do pronome. Evidentemente inverte-se a ordem dos estágios, quando se considera o percurso de gramaticalização, no qual a dessemantização precede a desfonologização.

À luz do princípio uniformitário (LABOV, 2001), é possível, diferentemente de Camacho (*op.cit.*), propor que a emergência desses pronomes no português contemporâneo em verbos como *amadurecer*, mesmo significando hipercorreção nesse recorte temporal, não é nada mais nada menos do que a continuação do processo histórico de marcação da construção ergativa para os verbos que ilustram a alternância ergativo-causativa. Desencadeado já no período arcaico da língua e acirrado entre os séculos XVIII e XIX, esse processo continua ativo na língua contemporânea, implementando-se lexicalmente (MADUREIRA, 2002).

Assim o português contemporâneo ilustra dois processos que, de certa forma concorrentes, se contaminam: enquanto o pronome exhibe apagamento variável em alguns verbos, em outros instancia construção inovadora pronominalizada. Do ponto de vista do sistema, parece um processo único, em que se registra ora a presença ora a ausência do pronome. Como se viu, na verdade, apenas quando se focam os verbos individualmente e se cruzam as perspectivas sincrônica e diacrônica é que se percebem os dois processos, que evoluem em direções opostas. Mas, como o espraiamento é lexical, tanto a atribuição de papéis semânticos como o processo de emergência ou apagamento do pronome carecem de regras norteadoras, dadas as exceções que se observam tanto

no plano sincrônico quanto no diacrônico. A gramática de construções parece útil à descrição desses processos.

À luz da gramática de construções, como se verá na próxima seção, os questionamentos relativos à possibilidade de ressemantização e refonologização são reequacionados. Gonçalves *et al.* (2007), sem ignorarem a hipótese da multidirecionalidade dos processos de mudança, proposta por Castilho, em 2002, assumem a unidirecionalidade do processo de gramaticalização, apoiando-se nas razões apontadas, em 1991, por Heine *et al.*, que questionam a possibilidade do processo de desgramaticalização, dada a sua insignificância estatística e comprovação de que resulta de análises inadequadas a desgramaticalização alegada em boa parte de trabalhos. Havemos de convir, em primeiro lugar, que o fato de ser raro não invalida o *status quo* de um processo. Em segundo lugar, há que se considerar o argumento que se sustenta neste artigo, qual seja, o de que a desgramaticalização se confunde com a gramaticalização, o que pode justificar a alegada raridade desse processo. Em relação ao equívoco das análises que apontam desgramaticalização, deve-se observar que, de fato, nem todo modelo é adequado à descrição do cruzamento desses dois processos. Isto é, dado o *status* lexical de espriamento dos dois processos e a convergência de diferentes conteúdos para uma mesma forma fonológica, teorias de base gerativista falham em apontar regras norteadoras que não gerem exceções.

### **O cruzamento de gramaticalização e desgramaticalização e a gramática de construções**

As diferentes análises que se podem propor para o pronome *se* – reflexivo, ergativo, expletivo e/ou inerente – apresentam por si sós base para a proposta de que seu espaço de atualização se caracteriza como espaço de mesclagem (FAUCONNIER, 1997). Esse espaço se identifica tanto na perspectiva sincrônica quanto na diacrônica. Temos na perspectiva sincrônica o entrelaçamento de diferentes classificações para usos idênticos com um mesmo verbo, conforme se viu em 2. Apesar das divergências, subjaz a todas as classificações a informação semântica que aponta para o envolvimento do sujeito, na ação descrita pelo verbo. A informação semântica comum aos diferentes usos tem base diacrônica sobre a qual há razoável consenso na literatura relevante: a interpretação como pronome reflexivo parece constituir-se como base das demais. Como se disse, os diferentes percursos dos verbos instanciaram reduções e ampliações no conteúdo do pronome. Trata-se de generalizações que se processam através de construções que são herdadas, (GOLDBERG, 2003), o que determina que se preservem traços da construção herdada, mas não impede que novos traços se atualizem. A esse respeito, Salomão (2009:70) propõe que o fenômeno de herança pode ser *múltiplo*, quando a construção é motivada por mais de um vínculo. Essa descrição do processo parece útil à análise do pronome *se*.



Estabelecendo-se um diálogo com a noção de construções como construto de forma e sentido armazenado pelo falante (GOLDBERG, 2003:219), pode-se propor, no caso do pronome em pauta, que o mesmo se relaciona à construção que se pode chamar *construção do afetado* [cf *construção do prejudicado*, que Salomão (2009:68) propõe com base na *construção do movimento causado*, que Goldberg propôs em 1995]. Trata-se de uma construção herdada: esse tipo de espaço resulta do processo de *mesclagem*, a qual Fauconnier (1997:22) define informalmente como uma operação cognitiva, que consiste em se integrarem estruturas parciais de dois domínios distintos em uma só com propriedades emergentes.

Além de determinar o espaço do pronome, a postulação dessa *construção do afetado* concilia divergências de análises, tanto da perspectiva sincrônica quanto da diacrônica. O entrecruzamento dos dois processos concernentes ao pronome *se* determina que se distingam, no caso de presença, os fenômenos de manutenção e de emergência; no caso de ausência, há que se distinguir apagamento e inexistência, conforme se apresenta a seguir:

- a) presença do pronome reflexivo – *ele se olhou no espelho*;
- b) apagamento do pronome reflexivo – *ele Ø olhou no espelho*;
- c) presença do pronome ergativo – *ele se preocupa com a mãe*;
- d) apagamento do pronome ergativo – *ele Ø preocupa com a mãe*;
- e) inexistência do pronome ergativo – *ele enlouquece com a música*;
- f) emergência do pronome ergativo – *ele se enlouquece com a música*.

As diferentes classificações resultam parcialmente da consideração do prisma diacrônico. A perspectiva sincrônica resgata a informação diacrônica através dos usos preconizados pela norma culta. Isto é, a língua *standard* registra *eu enlouqueço*; *eu amadureço*; *eu envelheço*. Quando pronominaliza algum desses verbos e produz um enunciado como *eu me enlouqueço*, o falante do português contemporâneo está se espelhando no paradigma de verbos como *eu me aborreço*; *eu me preocupo*, que registram as variantes não pronominalizadas *eu aborreço*, *eu preocupo*. A partir dessas variantes, o falante estabelece um princípio regulador, através da *construção do afetado*, cuja configuração extrai-se dos usos consagrados, por um lado (prisma diacrônico), da atuação da língua *standard* (prisma sincrônico), por outro.

Isto é, as categorias mesclaram-se já que, independentemente da motivação sintático-semântica, cada verbo orientou-se por um paradigma. Uns desenvolveram a construção pronominal, outros não. Como o português *standard* contemporâneo preconiza o uso do pronome para aquele grupo de verbos que desenvolveu a construção pronominal para indicar a afetação/envolvimento do sujeito (seja o reflexivo, seja o ergativo, para se ater a esses, apenas), e como, simultaneamente, ilustra-se o processo de apagamento do pronome, o falante contemporâneo é faceado à *construção do afetado*, cuja face linguística é sempre pronominalizada, em sua avaliação. O pronome tem, assim, asse-

gurado o seu espaço virtual. Decorre dessa leitura do falante contemporâneo o surgimento dos casos de hipercorreção que Camacho (*op.cit*) menciona. Só que, diferentemente de outros fatos de hipercorreção, esses têm chance de se instalar no sistema, assegurados pela *construção do afetado*, como ocorreu em outros períodos da língua com verbos como *desanimar* e *entristecer*, originalmente não pronominais. Tanto no caso desses dois últimos verbos como no caso das construções pronominalizadas de verbos como *envelhecer*, ocorre o processo de desgramaticalização. Como se disse, trata-se do espaço virtual do pronome, que se garante pelo conteúdo semântico projetado pelo verbo. Garantida a semantização, ocorre, em segundo momento, a fonologização. Essa não abre espaço para controvérsias, pois se insere no sistema, do ponto de vista do falante, como refonologização, o que ele atualiza em processo que avalia como correção linguística. Faz uso, portanto, de uma forma cuja fonologização é altamente produtiva no sistema. É oportuno lembrar aqui a contribuição de Martelotta (2010), que, com bastante propriedade, reanalisa como *lexicalização* fenômenos anteriormente tratados como desgramaticalização. Apesar de oriunda de um quadro teórico compatível com o que orienta a presente análise, a sua proposta não parece poder se aplicar à presente análise, dada a produtividade do pronome no português contemporâneo.

Conclui-se, assim, que, tanto pelo viés diacrônico, quanto pelo sincrônico, o desenvolvimento da alternância ergativo-causativa determinou que o papel afetado em posição de sujeito passasse a ser marcado pela construção pronominal. Passa-se, assim, tendo-se em conta as construções originalmente não causativas, de uma estrutura [-pronome] para uma estrutura [+pronome]. Este é o processo de desgramaticalização, sincronicamente produtivo, que, com base em parte dos traços constituintes da *construção do afetado*, disputa o seu espaço de atualização em relação ao processo de gramaticalização, que se atualiza através do apagamento do pronome.

### Considerações finais

Buscou-se demonstrar neste artigo que é possível postular para o português contemporâneo a *construção do afetado*, com base na gramática de construções (GOLDBERG, 2003), o que instancia o espaço virtual do pronome, seja ele reflexivo ou ergativo. Propôs-se que a configuração dessa construção resulta da atualização de dois processos relacionados ao pronome *se*, os quais evoluem em direções opostas: um dos processos é o de apagamento do pronome, o que caracteriza gramaticalização; o outro é o da emergência do pronome entre certos verbos que se causativizam em diferentes períodos históricos, o que caracteriza desgramaticalização. Tendo-se em conta que nem todos os verbos que se causativizam desenvolvem a construção pronominal, o espaço vazio do pronome tende a ser interpretado como apagamento, forma variante, desprestigiada em relação à língua *standard*, no que diz respeito a vários verbos experienciais. A configuração desse espaço virtual do pronome determina

a sua emergência, instanciando um processo de desgramaticalização que se espraia lexicalmente. ☒

Recebido em 13/01/2011. Aceito em 05/04/2011

## DOGLIANI, E. GRAMMATICALIZATION AND DEGRAMMATICALIZATION ON THE EVOLUTION OF THE SE PRONOUN

### Abstract

*This article aims to demonstrate that in the variable use of certain constructions with a pronoun in Brazilian Portuguese, it is possible to identify the process of grammaticalization as well as the process of degrammaticalization. It is intended to show that there are cases of deletion of the se pronoun (be it reflexive, ergative or expletive/ inherent) – which illustrates the stage zero of grammaticalization (VITRAL, 2006) – and cases of the emergence of the pronoun – which illustrates an initial stage of degrammaticalization. The accurate identification of the ongoing process requires, apart from the diachronic perspective, a model that comprehends the processes of emergence, deletion and maintenance of constructions as a result of dealing with previously existing structures in the system under analysis. The Construction Grammar model (GOLDBERG, 2003; GONÇALVES et al., 2007; SALOMÃO, 2009) is useful to this proposal.*

### Keywords

*se pronoun; grammaticalization; degrammaticalization; construction grammar.*

### Referências

BLUTEAU, R. *Vocabulário português e latino aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.

CAMACHO, R. G. Em defesa da categoria da voz média no português. *Delta*, vol. 19, n.1, SP, 2003.

CANÇADO, M. *Análise descritiva dos verbos psicológicos do português brasileiro*. Revista de Estudos da Linguagem, *Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG*, v.5, p. 89-114, 1996.

CARVALHO, G. C. *Um estudo descritivo dos predicadores experienciais, psicológicos, físicos, epistêmicos e de percepção do português: análise das correlações sintático-semânticas orientada pela frequência dos tipos de construções morfológicas*. Belo Horizonte: UFMG. 2008. Dissertação de mestrado.

CUNHA, C. D. *O comportamento dos predicadores experienciais e beneficiários perante a alternância causativo-ergativa: a frequência de uso do clítico “se”, as realizações*

- morfológicas e os *itens* lexicais. Belo Horizonte: UFMG, 2010. Dissertação de mestrado.
- D'ALBUQUERQUE, A. C. R. C. A perda dos clíticos num dialeto mineiro. In: Lemle, M. (org). *Revista Tempo Brasileiro: Sociolinguística e o Ensino do Vernáculo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, v. 78/79, pp. 97-121. 1984.
- DOGLIANI, E. Percursos do pronome *se*. Comunicação apresentada durante o I Workshop Internacional Sobre Gramaticalização. FALE-UFMG, 2010.
- \_\_\_\_\_. O tratamento dos processos de ergativização/causativização na análise das vozes do verbo e das funções do *se* em Carlos Góis – *Sintaxe da regência*. Comunicação apresentada em mesa redonda do NPLH: *As primeiras gramáticas da língua portuguesa*. FALE-UFMG: SEVFALE, 2008
- FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge University Press, 1997.
- FERREIRA, A. B. de H. Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- GÓIS, C. *Sintaxe da regência*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1948.
- GOLDBERG, A. E. Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in cognitive sciences*. 7(5), 219-224, 2003.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V.C. (Orgs.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- LIMA, B. F. Z. de. *O percurso diacrônico das construções com o pronome se na Língua Portuguesa como um processo de gramaticalização*. Belo Horizonte: FALE/ UFMG. 2006. Tese de doutorado.
- MADUREIRA, E.D. Variação nas construções pronominais dos verbos psicológicos: uma decorrência de diferentes percursos históricos. In: Cohen, M. A. A. M.; Ramos, J. M. (orgs). *Dialeto Mineiro e Outras Falas – Estudos de Variação e Mudança Lingüística*. Belo Horizonte: FALE/ UFMG. 2002.
- \_\_\_\_\_. Difusão Lexical e mudanças sintático-semânticas: os verbos psicológicos. 2000. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MARTELOTTA, M.E. Unidirecionalidade na gramaticalização. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (Orgs.) *Estudos de processos de gramaticalização em português*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- NUNES, J. *O famigerado Se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com SE apassivador e se indeterminador*. Campinas: UNICAMP, 1990. Dissertação de Mestrado.
- ROCHA, A. F. *Clíticos Reflexivos: uma variante sociolingüística na cidade de Ouro Preto*.

Belo Horizonte: FALE/ UFMG. 1999. Dissertação de Mestrado.

SALOMÃO, M. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. Juiz de Fora: *Veredas, revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora v.6,n.1, 2009. P. 63-74.

SILVA, A. M. Dicionário da língua portuguesa - recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

VITRAL, L. A Evolução do SE reflexivo em Português na Perspectiva da Gramaticalização. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2006, v. 6, p. 107-133.

WHITAKER-FRANCHI, R. *As construções ergativas: um estudo sintático-semântico*. Unicamp. 1989. Dissertação de mestrado.

## **Bibliografia**

BYBEE, J. *Phonology and language use*. Cambridge: University press, 2001

\_\_\_\_\_. EDDINGTON, D. *A usage- based approach to Spanish verbs of 'becoming'* – Disponível em: <http://linguistics.byu.edu/faculty/eddingon/Bybee>, 2006.

CIRÍACO, L. S. *A Alternância Causativo/ Ergativa no PB: Restrições e Propriedades Semânticas*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FALE/ UFMG. 2007.

\_\_\_\_\_. Cançado, M. Inacusatividade e Inergatividade no PB. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 46 (2) Unicamp, 2006.

\_\_\_\_\_. Cançado, M. *A alternância causativo-ergativa no PB*. Manuscrito apresentado no V Congresso Internacional da ABRALIN. Belo Horizonte, 2007.

PERINI, M. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

VITRAL, L.; RAMOS, J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. R.J.: Tempo Brasileiro; B.H: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.